

1

Já passaram dez anos desde o dia em que te esqueci. Dez anos. E quase vinte desde que te conheci e me apaixonei perdidamente. Se fechar os olhos, ainda me lembro de tudo: tu a entrares na sala de estar da casa do teu irmão com passo indeciso, os caracóis desarrumados e a mala de rodinhas, o sorriso muito tímido e o olhar de miúdo. Na verdade, eras um miúdo, ainda nem tinhas completado trinta anos, vivias fora desde os quinze, razão pela qual nunca tinha dado pela tua existência. A partir desse dia, nunca mais deixei de dar, pelo menos durante alguns anos. Depois, a vida, que vence sempre tudo menos a morte, acabou por apagar a tua imagem, o toque dos teus dedos na minha pele, a tua expressão trocista e por vezes triste, as alcunhas que inventaste para mim, as tuas músicas preferidas, os nossos passeios por Lisboa à noite, tudo aquilo que fomos.

O tempo e a vida dão cabo de tudo, e quando o nosso tempo acaba, a vida desiste e as nossas almas voam para

outra dimensão, impossível de situar neste tempo e espaço, onde provavelmente somos apenas seres etéreos, sem o peso do corpo nem as amarras da existência terrena, livres e intemporais, para lá deste mundo que conhecemos.

O que aconteceu em dez anos de silêncio e de distância? Tudo e nada. O meu filho cresceu, mudei de casa, descobri uma nova vocação além do meu trabalho, apaixonei-me pelo Rio de Janeiro e por outro homem. Também cheguei à conclusão de que afinal gosto de viver fora de Lisboa, que, para os pais, os filhos nunca crescem, o que cresce é o amor que sentimos por eles, e que as flores, por serem tão frágeis, podem tornar-se eternas. Não voltei a ser mãe e não voltei a casar-me.

Tudo e nada, porque às vezes sinto que sou exactamente a mesma pessoa, já que a minha essência nunca se alterou. A vida não me fez amarga nem céptica: continuo a acreditar que pode sempre tudo correr bem. Mas não sou a mesma pessoa. O romantismo já não alimenta o meu espírito nem o meu coração. A minha biblioteca foi mudando de tom, entre os romances clássicos e modernos, vou semeando livros de filosofia e de qualquer tipo desde que sejam uma ferramenta para me ajudar a viver com os pés na terra. Voar é maravilhoso, mas cansa muito, e o peso dos anos acaba por ganhar aos sonhos.

O tempo apaga muita coisa, e aquilo que não apaga serve de lição para o futuro, portanto, sou a mesma pessoa e ao mesmo tempo já sou outra, uma versão mais pragmática daquilo que fui. Embora o romantismo tenha

alimentado a minha índole sonhadora e o meu coração de eterna adolescente desde que o senti a bater mais rápido por um rapaz, trazendo-me os momentos mais intensos da minha existência, estou em crer que foi o movimento literário que mais prejudicou as mulheres, contribuindo para o enfraquecimento do poder feminino dentro e fora de casa, com consequências devastadoras. A heroína tísica que morre de amor ou nunca mais recupera o juízo por causa de um palerma que nem sequer a merece tornou-se demasiado popular durante dois séculos, agora chega.

As mulheres estão fartas de que as façam sentir fracas quando na verdade são fortes. As lições que a solidão me ensinou, quer acredites ou não, foram o estoicismo e o silêncio inerentes a uma vida a sós. Não tive outro remédio. Era isso, ou ficar a chorar por todos os sonhos que não logrei realizar. Dobrei as asas e reaprendi a caminhar, até sentir a terra firme debaixo dos meus passos. Sem os pés assentes em terra firme não se vai a lado nenhum, e estou cansada de voar sem ter onde pousar, a não ser dentro de um avião para cruzar um continente ou um oceano e aterrar num outro lugar onde me sinta em casa.

Duas ou três vezes por ano, visito o Rio, onde criei uma maravilhosa almofada emocional com amigos e amigas muito próximos. O homem por quem me apaixonei depois de ti escolheu outra vida. Quero acreditar que cada um à sua maneira terá chegado a um território de paz e de sossego, só ele e eu sabemos a quão duras penas levámos a cabo tal feito.